



# LITERATURA E SOCIEDADE DE CONSUMO: O MERCADO LITERÁRIO ATUAL

*Paula Alves das Chagas*

*Orientadora: Lucia Helena*

Doutoranda

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo estudar o perfil intelectual dos escritores Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee perante a mídia, refletindo sobre seu posicionamento crítico quanto a algumas questões consideradas por estes escritores como problemas recorrentes no meio cultural em que atuam: a valorização excessiva da imagem do autor na literatura contemporânea, a banalidade da escrita, a infantilização do leitor e a carência do debate intelectual. Através de personagens associados ao universo da escrita, seja ela acadêmica, jornalística ou literária, estes escritores desenvolvem em seus romances uma intensa reflexão sobre a relação entre literatura e mercado. Em nossa pesquisa analisaremos o desenvolvimento do personagem escritor nos romances *Verão* (2009) e *A vida dos animais* (1999), de J. M. Coetzee; *Reprodução* (2013) e *Simpatia pelo demônio* (2016), de Bernardo Carvalho. Analisaremos também o discurso intelectual defendido por estes autores em entrevistas e textos não-ficcionais de sua autoria. Discutiremos as definições propostas para o termo “intelectual” pelos críticos Jean-Paul Sartre, Edward Said, Lucia Helena, Adauto Novaes, Francis Wolf e Marilena Chauí, em contraposição ao termo “intelectual de plantão”, com o qual Silviano Santiago (2004) se refere ao escritor cuja imagem intelectual apresentada à mídia se sobrepõe à produção literária em si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intelectual. Escritor contemporâneo. Personagem escritor. Bernardo Carvalho. John Maxwell Coetzee.

## **O escritor-intelectual na sociedade de consumo**

O ano de 2017 se iniciou com a notícia do falecimento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que ao longo das dezenas de livros publicados em sua extensa e respeitável

carreira, propôs uma profunda reflexão sobre as relações entre cultura, mercado e relações humanas na sociedade de consumo. Reconhecido popularmente como o “pai” do termo “modernidade líquida”, Bauman se encaixa perfeitamente no perfil de intelectual que os críticos e sociólogos citados nesta pesquisa – Jean-Paul Sartre, Edward Said, Adauto Novaes, Francis Wolf, Lucia Helena e Marilena Chauí – buscaram definir: o intelectual como alguém que ultrapassa limites culturais e geográficos, indo além de sua área de especialidade para intervir na esfera social em defesa de uma causa.

Muitos de seus livros exploram já no título – *Modernidade líquida*, *Amor líquido*, *Tempos líquidos*, *A cultura no mundo líquido moderno* – a metáfora da liquidez, da fluidez das relações na sociedade de consumo. Num cenário em que o consumidor se caracteriza pelo acúmulo de sensações provocadas pela aquisição e breve substituição de produtos, a literatura segue também a lógica do mercado. Basta observar as grandes livrarias, com suas vitrines coloridas que exibem orgulhosamente as últimas novidades, em sua maioria romances e sagas infanto-juvenis. Este é o espaço do *best-seller*, no qual os escritores cuja obra é objeto de estudo desta pesquisa, Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee, não figuram. A estes autores são reservados “lugares escuros”, prateleiras menores escondidas entre dicionários e gramáticas, lugar destinado ao leitor ironicamente considerado como “intelectual” por suas escolhas de leitura, que não se guiam pela obviedade.

Refletindo sobre os diferentes sentidos atribuídos ao conceito de intelectual até hoje, Lucia Helena constata, sobretudo no Brasil, uma tendência à “transformação do papel do intelectual em ações de marketing” (HELENA, 2010, p. 80). Em “Os intelectuais e as cadeias de papel”, capítulo de *Ficções do desassossego* em que estabelece um debate sobre a banalização da figura do intelectual nos meios de comunicação de massa, Helena provoca uma série de questionamentos quanto à sua função no mundo globalizado, e especificamente no Brasil: Quais, dentre as figuras públicas de destaque que pretensamente assumem o papel de intelectuais realmente exercem essa função? O que diferencia o especialista do intelectual? Qual o limite entre o escritor e o intelectual-escritor? Para pensar sobre estas questões é preciso, primeiramente, recorrer a duas fontes analisadas pela autora em seu artigo.

A primeira referência é a definição de intelectual cunhada por Sartre em seu *Em defesa dos intelectuais*, livro que reúne três conferências do escritor francês no Japão entre

setembro e outubro de 1965. É nesta obra que Sartre propõe ao termo “intelectual” o sentido de “alguém que se mete no que não é da sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas” (SARTRE, 1994, p. 14-15). Tal conceito estabelece uma diferença entre o especialista e o intelectual, na medida em que este último transpõe os limites de sua especialidade, interferindo, por meio de seu posicionamento crítico, na sociedade em que atua. Para ilustrar esta distinção, Sartre cita o exemplo do cientista contratado para fabricar uma bomba. De acordo com o crítico, o cientista só será considerado um intelectual se, ao constatar o poder destrutivo do artefato que acaba de produzir, sair de sua competência, valendo-se de sua celebridade, para advertir a opinião pública contra o uso da bomba. Portanto, Sartre estabelece três condições para que um especialista possa ser considerado um intelectual: 1) ultrapassar os limites de sua competência; 2) abusar de sua celebridade, ou seja, de seu nome público; 3) agir em defesa de um sistema de valores que preza a moral, a ética e o respeito à vida. Sendo assim, o maior inimigo do intelectual seria o “falso intelectual”, figura levantada pela classe dominante no intuito de defender a ideologia deste grupo.

A segunda definição do conceito de intelectual retomada por Lucia Helena é a de Edward Said em *Representações do intelectual*, publicação das Conferências Reith de 1993. Na obra em questão, o crítico associa a imagem do intelectual ao amadorismo, característica que o exime do vínculo a instituições ou partidos que poderiam interferir em sua liberdade crítica. De acordo com Said, o dever do intelectual “é derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (SAID, 2005, p. 10). Sendo assim, ele “não pode se enquadrar num *slogan*, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido” (SAID, 2005, p. 12). O autor associa diretamente o papel do intelectual a uma função social, a de “levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los).” (SAID, 2005, p. 26). Ao discutir sobre o papel do escritor-intelectual, Said concluiu que:

A sociedade atual ainda enclausura e cerca o escritor, às vezes com prêmios e recompensas, muitas vezes rebaixando ou ridicularizando totalmente o trabalho intelectual e, ainda com maior frequência, dizendo que o verdadeiro intelectual, homem ou mulher, deveria ser apenas um profissional experimentado em seu campo. (SAID, 2005, p. 80)

Para Said, o intelectual deve ser um *outsider*, amador e perturbador do *status quo*, pois é a condição de marginalidade que permite a sua ousadia. Nesse sentido, o grande desafio do intelectual, em sua concepção, não é a sociedade de massa, mas o profissionalismo, ou seja, o subsídio por um grupo ou instituição, estabelecendo assim uma rotina de trabalho e um vínculo que o impeçam de suscitar o debate e a controvérsia.

Em 2005, um grupo de pesquisadores e sociólogos se reuniu para refletir sobre o silenciamento do debate intelectual, formando um ciclo de conferências denominado *O silêncio dos intelectuais*, cujos resultados foram publicados no ano seguinte em livro homônimo. Nos capítulos que compõem esse livro, Aduino Novaes, Marilena Chauí e Francis Wolff, dentre outros participantes do ciclo de conferências, debatem sobre os papéis desempenhados pelo intelectual na sociedade globalizada. Aduino Novaes inicia seu capítulo “Intelectuais em tempos de incerteza” com a premissa da impossibilidade de existência de um “intelectual integral”, dado que o exercício desta função requer o abandono dos saberes particulares em prol do desempenho de novas funções, caracterizadas pela crítica e pela defesa dos ideais universalizantes: razão, justiça, liberdade e verdade (NOVAES, 2006, p. 13). Conforme Novaes, o pretensão intelectual, que condena em suas falas públicas os mesmos meios de comunicação de que se vale para propagar seu discurso, caracteriza a segunda manifestação do que Julien Benda denominou “traição dos clérigos” (*A traição dos intelectuais*, 1997), ou seja, a sedução do intelectual pelo prestígio alcançado por sua posição pública, em detrimento do senso crítico e da responsabilidade social que esta função exige.

Assim como Sartre e Said, Francis Wolff reconhece a função do intelectual como um compromisso social, que demanda a intervenção no espaço público, em defesa de valores morais, transpondo os limites de sua especialidade. O filósofo compreende estas condições como prerrogativas da função intelectual, distinguindo-o do especialista, que se atém a sua área de atuação profissional, ao passo que o intelectual, retomando as palavras de Sartre, “se mete no que não é da sua conta”. A partir desta análise, Wolff destaca três dilemas da função intelectual: a distinção entre o intelectual específico e o intelectual total; o impasse entre o exercício do poder crítico e a denúncia desse mesmo poder; e a dúvida entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade. Desta forma, o autor questiona a manifestação pública do escritor, indagando: “Que competência teria um escritor, enquanto escritor, para

ousar falar em nome de tudo e em nome de todos?” (WOLFF, 2006, p. 62). A atuação do escritor enquanto intelectual demanda, portanto, além da intervenção em outras áreas, o conhecimento necessário para que tal intervenção ocorra de forma responsável e produtiva. No entanto, esta atuação se torna mais abrangente à medida que o escritor assume novos espaços de fala, representativos do mesmo poder crítico que denuncia. Conforme Wolff:

Num certo sentido, é preciso que ele [o intelectual] se faça ouvir, e portanto deve ter acesso à cena pública ou mesmo midiática; mas, num outro sentido, o que ele pretende atacar é essa mesma cena pública, esse mesmo teatro da mídia, esse mesmo poder que ele exerce, muito embora afirme atacá-lo. E ele não pode consumir-se em criticar o poder dos intelectuais sem tornar vã sua própria crítica intelectual. (WOLFF, 2006, p. 65)

No artigo “Intelectual engajado: uma figura em extinção”, Marilena Chauí desenvolve reflexão semelhante à de Wolff, compreendendo a sociedade de consumo, ou “sociedade do espetáculo” (CHAUÍ, 2006, p. 34) como o principal espaço de atuação do “ideólogo” – o profissional cuja intervenção na cena pública legitima a ordem vigente e valoriza a vantagem da conveniência em detrimento do compromisso social. A autora associa a transição do cenário de atuação do intelectual para os meios de comunicação de massa como um possível motivo para a carência do debate crítico, pois, no palco midiático, a voz do intelectual se confunde com a do ideólogo, que assume uma postura e um discurso convincentes e preenche os espaços deixados pelo primeiro, recriando a lógica do mercado – o “elogio do simulacro” e o consumo efêmero de imagens e sensações – nas mais diversas esferas sociais.

De acordo com Silviano Santiago, a supervalorização da imagem pública do escritor é um fenômeno inevitável, uma vez que, inserido na sociedade de consumo, o artista passa a exercer duas funções distintas, porém complementares: a de produtor cultural e a de administrador cultural. Portanto, o escritor assume a tarefa de divulgar sua obra, e para tal fim desenvolve um perfil intelectual, sua *persona* pública, de modo a ampliar os alcances de seu trabalho. Em *O cosmopolitismo do pobre*, Santiago utiliza o termo “intelectual de plantão” para se referir à figura do escritor celebridade, muitas vezes representado pelo jovem escritor que, adaptado ao mercado literário, assume a tarefa de divulgar sua imagem e sua obra através dos variados aparatos midiáticos a seu dispor. Nesse contexto, “a literatura deixa de ser

análise de obra e passa a se confundir com a figura singular do escritor, à semelhança do que já ocorria com o músico, o ator de cinema, teatro e televisão, etc.” (SANTIAGO, 2008, p. 163). Por meio da entrevista, explora-se o discurso intelectual desenvolvido pelo escritor, estabelecendo uma aproximação, ainda que ilusória, entre autor e público leitor. Conforme Santiago, a entrevista “é o modo que o escritor encontrou para poder comunicar-se com um público mais amplo, sem perder as prerrogativas do ofício que abraçou” (SANTIAGO, 2004, p. 65). O crítico afirma ainda que, no cenário de consumo da imagem intelectual do autor, o livro raramente é apreciado pela leitura, servindo como pretexto para o debate sobre assuntos polêmicos e discussões públicas. Em suas palavras, “o livro de boa qualidade no Brasil pode ser o *móvel* da entrevista midiática, mas nunca é o seu *fim*” (SANTIAGO, 2004, p. 65). O perfil de intelectual definido por Said e Sartre, cujos textos são basilares para um debate a respeito do conceito em questão, muito difere dos “intelectuais de plantão” definidos por Silviano Santiago, escritores que, longe de assumirem as responsabilidades advindas da atividade intelectual, apenas produzem discursos polêmicos o bastante para conquistar um espaço no concorrido “círculo literário”.

Em *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*, Paula Sibilia discute o retorno do fetiche sobre a personalidade do autor, fenômeno que remonta ao Romantismo, movimento estético e literário no qual a figura do artista passou a ser reconhecida como um valor em si, por vezes predominando sobre a obra criada. A autora estabelece um percurso dos papéis assumidos pelo escritor perante o público, perpassando as vanguardas modernistas, o conceito de “morte do autor” de Barthes, a “função-autor” de Foucault, e culminando na declaração de que, hoje, vivemos o momento da morte do leitor, reduzido ao perfil do frequentador de eventos literários. Sibilia reconhece os festivais, como a FLIP e as Bienais do Livro, como fenômenos característicos do século XXI, em que a imagem pública do autor é apreciada mais por curiosos que por leitores em si, uma vez que, nestes eventos, “o que interessa é tornar visível – e, sobretudo, tornar-se visível.” (SIBILIA, 2016, p. 207). Portanto, a personalidade do escritor “deve ser exibida e vendida junto com a obra e, em alguns casos, no lugar dela.” (SIBILIA, 2016, p. 207).

Outro alvo da crítica de Sibilia é a recorrência da ficcionalização da vida de escritores renomados em filmes e romances, bem como o crescente número de biografias que

circulam no mercado editorial. Nos dois casos, o escritor é desvinculado de sua obra para assumir o lugar de personagem de tramas elaboradas que capturam momentos específicos de suas vidas registrados em cartas ou diários pessoais com o pretexto de humanizar a imagem do artista quando, na verdade, o intuito é atrair e entreter o leitor através da revelação da intimidade de uma figura pública. Ao refletir sobre os aspectos característicos do gênero biografia, François Dosse identifica, como uma das regras do projeto biográfico, a centralização do texto na imagem do herói, o biografado. No entanto, cabe ao biógrafo a árdua tarefa de selecionar dentre suas fontes de pesquisa os “detalhes reveladores da personalidade do biografado” (DOSSE, 2009, p. 56) mantendo equilíbrio entre a veracidade dos fatos e a especulação dos detalhes, de modo a despertar o fascínio do leitor sobre o texto. O predomínio da imagem do autor sobre sua obra é no mínimo irônico, uma vez que o artista só se torna notável por meio de sua arte. Porém, ao leitor da biografia o que interessa são os detalhes, o tom verídico da narrativa, a exposição da intimidade.

A seleção do *corpus* ficcional desta pesquisa leva em consideração a recorrência, na literatura contemporânea, das figuras do escritor e do intelectual como narradores ou protagonistas do romance. Tal fenômeno, que não é inédito em nossa história literária, vem se ampliando fortemente, sobretudo sob a pena de autores que, interessados em produzir uma literatura altamente crítica, ironizam as principais tendências literárias, promovendo um debate sobre o papel assumido pelo escritor na sociedade líquido-moderna. Na obra ficcional de Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee, nota-se uma forte reflexão sobre a banalidade da escrita promovida pelo uso excessivo da internet, o questionamento dos limites éticos na sociedade de consumo, a manipulação da memória e a escassez do debate intelectual, tanto na academia quanto nos meios de comunicação de massa. Some-se a isto a polêmica gerada pela imagem intelectual atribuída a estes escritores por críticos e jornalistas, com base nas performances desempenhadas por eles tanto nas apresentações em eventos literários, como nas entrevistas concedidas a periódicos acadêmicos e jornais (digitais ou impressos) de ampla circulação.

Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee lidam de formas distintas com as demandas de um mercado literário que muitas vezes supervaloriza a imagem pública do escritor através dos muitos aparatos midiáticos utilizados para divulgação do livro de ficção. Coetzee não é figura

frequente em feiras e festivais literários e, mesmo quando comparece a algum desses eventos, frustra as expectativas do espectador, como demonstrado, por exemplo, em sua participação na Feira Literária Internacional de Paraty de 2007. Na ocasião, a postura de Coetzee desagradou ao público do festival, pois o autor se ateu à leitura de trechos de seu romance em produção, *Diário de um ano ruim*, recusando-se a responder a qualquer pergunta da plateia. Em contrapartida, Bernardo Carvalho representa uma figura controversa em sua atuação como “intelectual de plantão”, uma vez que seu discurso condena o mesmo mercado que lhe confere visibilidade no meio literário. Em suas falas públicas, tanto em entrevistas quanto em eventos como a FLIP, Carvalho se opõe ao que costuma chamar de “infantilização do leitor contemporâneo”, afirmando que o mercado atual se caracteriza pela excessiva valorização do gosto do leitor. No entanto, seu discurso parece se encaminhar para uma promoção de seus próprios livros como exemplo de uma literatura mais crítica e desvinculada das tendências literárias que percorrem o mercado.

Em seus romances, Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee desenvolvem personagens representativos da crise intelectual apontada pelos críticos e sociólogos citados neste trabalho. Os quatro romances aqui estudados (*Verão* e *A vida dos animais*, de Coetzee; *Reprodução* e *Simpatia pelo demônio*, de Carvalho) debatem a crise do debate intelectual através de personagens relacionados ao universo da escrita, sejam eles escritores, biógrafos, acadêmicos ou leitores. As inusitadas situações em que estes personagens se encontram os impelem ao limite do pensamento crítico, estabelecendo uma forte reflexão sobre as relações entre ética, valores e mercado na sociedade de consumo. Tal reflexão se estende ao âmbito das relações humanas, exemplificando na literatura um fenômeno que Zygmunt Bauman considera a principal característica do indivíduo pós-moderno, o “acúmulo de sensações” (BAUMAN, 1999, p. 91).

A análise dos personagens Vincent (*Verão*), Elizabeth Costello (*A vida dos animais*), Estudante de Chinês (*Reprodução*) e chihuahua (*Simpatia pelo demônio*) possibilita uma reflexão sobre a representação do debate intelectual na obra dos escritores Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee, por meio da comparação dos dilemas éticos vividos pelos protagonistas de seus romances às demandas características da sociedade de consumo. Desta forma, a análise do discurso intelectual defendido pelos dois escritores em suas falas públicas nos permite

delinear os perfis de autor representados por cada um mediante o “espetáculo” midiático (CHAUI, 2006, p. 34) de exposição da imagem do autor, iniciando uma intensa reflexão sobre a relação entre ética, valores, literatura e mercado em tempos de globalização.

### **Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee: dois perfis em análise**

Dentre as muitas modificações sofridas pelo conceito de intelectual desde seu surgimento na França em fins do século XIX, destacamos em nossa pesquisa o termo “intelectual de plantão”, com o qual o crítico e ficcionista Silviano Santiago definiu no início do século XXI toda uma categoria de escritores altamente envolvida com a mídia e com as vantagens e desvantagens que advém desta exposição. A imagem pública do escritor passa a representar sua obra ficcional, e para tanto é desenvolvido um perfil intelectual a ser apresentado ao público nos muitos eventos e entrevistas que se propõem a estabelecer uma aproximação entre a figura do autor e seus leitores. Não é todo escritor que alcança este nível de exposição pública, mas os que o atingem muitas vezes perpetuam o fetiche acerca da imagem do autor através de declarações polêmicas que nem sempre contribuem para a apreciação do texto literário. Outros ironizam este cenário de supervalorização do perfil intelectual do escritor, frustrando as expectativas do público leitor.

John Maxwell Coetzee muito se aproxima deste segundo perfil citado, como demonstrado em sua postura no ciclo das Tanner Lectures, em 1997, e uma década mais tarde na Feira Literária Internacional de Paraty. Os dois eventos são voltados para públicos muito diferentes entre si: o primeiro, um encontro acadêmico, tem como público-alvo principalmente professores universitários; o segundo recebe um público mais variado, entre leitores, curiosos, jornalistas, escritores, e profissionais do ramo editorial. No entanto, a atitude de Coetzee nas duas ocasiões surpreendeu seus ouvintes, seja por abordar o tema dos direitos dos animais através de dois contos em vez de seguir o modelo tradicional de apresentações acadêmicas, ou por se limitar à leitura de trechos de um trabalho ficcional inédito, reservando-se ao direito de não responder às perguntas da plateia. Nos dois casos, o perfil intelectual apresentado pelo escritor ao público se caracteriza pela valorização do texto literário e pela resistência à exploração da figura pública do autor.

Bernardo Carvalho parece oscilar entre os dois perfis de autor delineados neste trabalho. Em suas falas públicas, o escritor recorrentemente se declara contrário à ideia de mercantilização da literatura, construindo ao longo dos anos um discurso em defesa da arte de resistência, o que define como a literatura que não sucumbe às demandas da sociedade de consumo. Ao analisarmos as entrevistas concedidas por Carvalho nos últimos dez anos, é possível notar temas-chave de seu discurso, em que termos como “infantilização do leitor” e “banalidade da escrita” figuram na composição de um quadro caótico representativo do mercado literário atual, no qual a literatura “de qualidade” resiste às tendências e ao modismo ditado pelo gosto do leitor. No entanto, ao estabelecer tal distinção, Carvalho, ainda que não o declare diretamente, se insere neste grupo seleto de escritores cujo compromisso com a literatura não seria meramente comercial. Portanto, seu discurso funciona como uma estratégia de promoção de sua própria obra, ao elevá-la ao status de “alta literatura”.

Na ficção, ambos os escritores criticam o mercado literário e a crise do debate intelectual através de personagens escritores ou leitores que questionam os limites éticos da relação entre literatura e mercado, além de promoverem uma reflexão sobre a escrita literária atual e sobre os papéis exercidos pelo escritor em tempos de modernidade líquida. Em *Verão*, os personagens Vincent e Coetzee representam duas linhas opostas de pensamento: a do biógrafo aspirante que decide fazer fama escrevendo sobre a vida de um consagrado romancista e a do falecido escritor cuja imagem perante o público ficou atrelada aos sentidos negativos atribuídos ao título de “intelectual frio e arrogante”, como o define Vincent. O biógrafo desperta suspeitas em suas fontes quando admite não conhecer bem a obra do escritor cuja vida se propôs a estudar. Os textos de Coetzee que ele conhece bem nunca foram publicados, pertencem a uma espécie de diário, com tom altamente confessional, mas que poderiam muito bem ser ficcionais, dada a habilidade de seu autor para a escrita literária. É baseado na leitura desse “caderno pessoal” que Vincent seleciona suas cinco fontes de pesquisa, pessoas que, em algum momento da vida, tiveram qualquer tipo de relacionamento conflituoso com o escritor. Um dos entrevistados, antigo concorrente de Coetzee a uma vaga de professor universitário, questiona tal estratégia, percebendo na atitude do biógrafo uma pesquisa tendenciosa, pautada mais em intrigas pessoais que na carreira do biografado. Ao longo do romance, os entrevistados se manifestam de diferentes formas, ora defendendo a



imagem pública de Coetzee, ora perpetuando o senso comum de que o autor não passava de um homem sem atrativos e inapto para a vida social. Entretanto, suas falas se aproximam quando são instigados a falar sobre os livros de Coetzee, descritos no romance como exemplares de uma literatura fraca e pouco ambiciosa. Neste romance, Coetzee ironiza o mercado literário, criticando, com alta dose de humor, a recepção de seus livros por um público acostumado a sobrepôr a imagem intelectual do autor ao texto literário.

*A vida dos animais* aborda os dilemas éticos de um grupo intelectual inserido no típico ambiente acadêmico de uma conferência, na qual a escritora Elizabeth Costello, protagonista dos dois contos que compõem a parte central do livro, é convidada a ministrar uma palestra com tema de livre escolha na Appleton College. A organização deste livro difere em muito do gênero que se convencionou reconhecer como romance, uma vez que a breve história de Costello é acompanhada de cinco leituras críticas, uma introdutória e quatro possíveis respostas aos dilemas enfrentados pela personagem na situação fictícia em que se encontra. Surpreendendo a todos com uma polêmica palestra sobre os direitos dos animais, na qual compara a indústria do abate ao massacre dos judeus ocorrido em campos de concentração durante o holocausto, a personagem lida com a dificuldade de compreensão de seus ouvintes, alguns dos quais, sentindo-se ofendidos, rompem qualquer relação cordial que porventura tivessem com ela. No âmbito familiar, Costello enfrenta a passividade de seu filho diante do embate entre a esposa e a mãe, símbolos da querela entre academicismo e literatura.

Com *Reprodução*, Bernardo Carvalho trabalha em sua produção literária um dos temas que mais tem movido seu discurso intelectual nos últimos anos: a banalidade da escrita. O romance é centrado na figura de um homem que acumula e reproduz sem a devida reflexão uma série de discursos extremistas, altamente preconceituosos, absorvidos de leituras rasas em sites de notícias e *blogs* de opinião. O personagem, nomeado apenas como o “estudante de chinês”, representa a imagem do cibernavegador, do ser sem rosto que, por trás de um tela de computador, encontra no anonimato a ferramenta perfeita para a propagação de sua intolerância. Retido no aeroporto por suposto envolvimento com uma mulher acusada de tráfico, o estudante desfere acidamente seu discurso entremeado de clichês num diálogo de surdos em que o leitor tem acesso apenas às falas e à imaginação do interrogado. Símbolo da

crise dos afetos característica do mundo pós-moderno, o estudante de chinês encarna a imagem do leitor infantilizado por uma indústria cultural focada em estratégias de consumo.

Em seu último romance, *Simpatia pelo demônio*, Carvalho explora a difícil relação entre o envolvimento amoroso de dois homens e a violência urbana em zonas de conflito armado. O protagonista é um agente humanitário reconhecido pela publicação de sua tese sobre a violência, livro que se tornou referência sobre o assunto. Homem de meia-idade, pai de família e bem-sucedido em sua carreira, Rato perde o controle sobre suas ações quando se apaixona por chihuahua, jovem neurocientista mexicano que estabelece entre os dois uma relação de dominação, obtendo vantagens através do nome influente do amante no meio acadêmico. Entre a dificuldade de compreender sua relação com chihuahua e os limites éticos de seu trabalho humanitário, Rato ultrapassa todas as barreiras socialmente impostas, permitindo que o perigoso envolvimento destrua todas as suas conquistas pessoais e profissionais.

Os personagens dos romances analisados nesta pesquisa, inseridos na sociedade do consumo e do espetáculo, simbolizam crises pessoais e coletivas oriundas do meio social em que atuam. Em *A vida dos animais*, a protagonista Elizabeth Costello se torna uma figura incômoda para os acadêmicos da Appleton College e mesmo para sua família devido ao peso de seus argumentos na defesa dos direitos dos animais. Em *Verão*, os conhecidos do falecido escritor Coetzee (personagem) raramente se referem a ele ou a sua obra de forma positiva, cada qual alegando uma diferente razão para considerá-lo um profissional inferior à notoriedade que conquistou. Os personagens de *Reprodução*, sufocados por uma torrente de informações absorvidas, sem tempo para a devida reflexão, de leituras breves na internet, transformam-se em cibersujeitos, excessivamente midiaticizados e carentes de afetos. Em *Simpatia pelo demônio*, o conhecimento se converte em prestígio e em moeda de troca na relação conflituosa de Rato e chihuahua. Tais personagens alegorizam na literatura assuntos de preocupação de seus autores, como a superexposição do escritor contemporâneo na mídia, a crise do debate intelectual, o compadrio acadêmico, os valores e a ética no mundo globalizado. São aspectos de uma sociedade, como bem afirmou Bauman, calcada no acúmulo de sensações, o que dificulta a criação de relações sólidas e isentas de interesses.

## REFERÊNCIAS



BAUMAN, Zygmunt. A cultura da oferta. In: *Capitalismo parasitário*. E outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Da frigideira ao fogo, ou as artes entre a administração e o mercado. In: \_\_\_\_\_. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad.: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Simpatia pelo demônio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Miguel Conde. Flip 2009: o antagonismo de Atiq Rahimi e Bernardo Carvalho. *O Globo Cultura*. 03/07/2009. Disponível na internet via: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/flip-2009-antagonismo-de-atiq-rahimi-bernardo-carvalho-201593.html>. Acesso em 27/11/2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Camila Von Holdefer. Dito com todas as letras: uma entrevista com Bernardo Carvalho. *Livros Abertos*. 27/08/2016. Disponível na internet via: <http://www.livrosabertos.com.br/dito-com-todas-as-letras-uma-entrevista-com-bernardo-carvalho/>. Acesso em 27/11/2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Nahima Maciel. Bernardo Carvalho: Toda relação amorosa tem um pouco a questão do poder. *Correio Brasiliense*. 06/09/2016. Disponível na internet via: [http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/09/06/interna\\_diversao\\_arte,547424/bernardo-carvalho-toda-relacao-amorosa-tem-um-pouco-a-questao-do-pode.shtml](http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/09/06/interna_diversao_arte,547424/bernardo-carvalho-toda-relacao-amorosa-tem-um-pouco-a-questao-do-pode.shtml). Acesso em 27/11/2016.

\_\_\_\_\_. Pescadores abraçam e acariciam até a morte peixes agonizantes na Bienal. *Folha de São Paulo*. 02/10/2016. Disponível na internet via: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2016/10/1818412-pescadores->

abracam-e-acariciam-ate-a-morte-peixes-agonizantes-na-bienal.shtml. Acesso em 27/11/2016.

\_\_\_\_\_. A opinião dos leitores e a crítica. *Folha de São Paulo*. 30/10/2016. Disponível na internet via: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2016/10/1827272-a-opiniao-dos-leitores-e-a-critica.shtml>. Acesso em 27/11/2016.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Verão*. Cenas da vida na província. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HELENA, Lucia. As mandingas do senhor Coetzee em *Diário de um ano ruim*. *Mulemba 7, Intertextualidade nas literaturas africanas ontem e hoje*, Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, v. 1, número 7, dez, 2012, pp. 1-16.

\_\_\_\_\_. Cristais da memória em J. M. Coetzee: reflexões em torno do estar à margem e do paradoxo em *Diário de um ano ruim*. In: ROSENFELD, Kathrin e PEREIRA, Lawrence Flores. *Lendo J. M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, pp. 271-287.

\_\_\_\_\_. *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

\_\_\_\_\_. *Náufragos da esperança: a literatura na época da incerteza*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

NETTO, Irineo. Coetzee desaponta o público. *Gazeta do Povo*. Caderno G. 08/07/2007. Disponível na internet via: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/coetzee-desaponta-o-publico-ajkv41vu6bhtk6rmtvt9atyry>. Acesso em 27/11/2016.

NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. Trad.: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.